

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES JOÃO DE LAET E A CAPITANIA DE SÃO VICENTE*

Afonso de E. TAUNAY

O nome de João de Laet, como ninguém ignora, dos que sabem com alguma minúcia as cousas do Brasil, é dos grandes, dos maiores nos fastos geográficos seiscentistas.

Os antigos enciclopedistas tinham-no em altíssima conta, mas os modernos de muito menor valia o consideram. Passou da categoria dos sábios para a dos eruditos divulgadores. E diversas das maiores enciclopédias recentes nem lhe consagram mais artigos biográficos, como a italiana de Treccani e várias das edições da "Britânica", o que é, aliás, sumamente injusto.

Nascido em Antuérpia em 1593 e falecido em Leyde em 1649, muito pouco se conhece das três primeiras décadas de sua vida. A partir de 1624 vemos-lo em Leyde diretor da Companhia das Índias Ocidentais. Calvinista, deixou a Bélgica submetida aos espanhóis, estabelecendo-se na Holanda, onde logo lhe aproveitaram os grandes préstimos.

Foi então que, com o fito de tornar mais conhecidos os longínquos países, teatro das operações de sua Companhia, empreendeu escrever a em seu tempo tão citada e elogiada obra **Novo Mundo ou Descrição das Índias Ocidentais**, que publicou em 1625 e em holandês. Pouco depois traduziram a obra para o latim sob o título **Novus Orbis**,

(*) Reproduzido da "Folha da Manhã", de 14 de abril de 1946. Título da publicação original: Corografia paulista seiscentista (1633), alterado nesta transcrição para dar um sentido mais abrangente de seu conteúdo. (N. da R.)

seu *descriptiones Indiae Occidentalis libris XVIII* (Leyde, 1633). Teve este livro divulgação européia a mais considerável; verteram-no em 1640 para o francês e o reimprimiram várias vezes. Era para o tempo excelente compilação das obras de geógrafos de várias nações e dos itinerários impressos e manuscritos de vários navegadores.

Também escreveu João de Laet uma série de monografias sobre a Espanha, a França, os Países Baixos, Portugal, a Alemanha, a Pérsia, números da larga coleção elzeviriana intitulada *Pequenas Repúblicas*.

Em 1642 deu muito que falar nas rodas científicas a sua controvérsia com Hugo de Grotius sobre a origem dos autóctones americanos. Sustentou a tese de que estes aborígenes formavam raça à parte e habitavam o Novo Mundo desde o dispersar dos homens.

Dotado de extraordinária vivacidade mental, ainda produziu uma edição das obras de Plínio, o Antigo (Leyde, 1635), deixando por concluir outra de Vitruvius. Na opinião de um dos seus biógrafos - Eugênio Hubert, professor da Universidade de Liège - foi João de Laet mais um vulgarizador do que um sábio, embora em todos os seus trabalhos houvesse demonstrado quanto dispunha de extensos e variados conhecimentos. O articulista do *Dictionnaire Universel du XIXème Siècle*, que dele se ocupa, afirma que os geógrafos, seus sucessores, muito aproveitaram de seus trabalhos.

Ainda em 1859 a, no tempo, tão prestigiosa *Nouvelle Biographie Générale*, publicada sob a direção de Hoefer e editada por Firmin Didot, consagra a Laet assaz longo artigo. Recorda que era muito ligado ao famoso humanista francês Claude Saumaise (1588-1653), sendo um dos poucos capazes de decifrar a letra deste grande erudito, célebre pela ciência e a paciência socrática com que aturava a horrível megera a quem desposara.

Duas obras notáveis ligam o nome de João de Laet aos fastos históricos e científicos brasileiros e americanos. A primeira é a sua *História da Companhia das Índias Ocidentais*, traduzida do holandês por José Higino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, e publicada nos

"Anais da Biblioteca Nacional", do Rio de Janeiro.* A segunda é a **Historia Naturalis Brasiliae**, de Piso e Marcgrave, a cuja edição presidiu, hoje traduzida em português e largamente comentada numa edição limitada do Museu Paulista e de nossa iniciativa.

Foi ele, aliás, quem decidira Marcgrave a vir para o Brasil, dando-lhe recursos para este fim. E com o maior carinho acompanhou a confecção do magistral tratado do infeliz amigo, desaparecido do mundo com trinta e quatro anos de idade e no maior viço do notável talento.

Para compor o **Novus Orbis** valeu-se da maior e melhor bibliografia de que podia dispor. Em relação ao Brasil cita, entre as fontes de consulta, as obras de H. Staden, Thévet, Léry, d'Abbeville, Iarricus (P. du Jarric) no **Thesaurus rerum Indicarum**, Herrera, a **Relaçam Annual que fizeram os Padres da Companhia de Jesus nas partes da Índia Ocidental e no Brasil**, etc.

Alega ainda haver recorrido aos **Roteiros de Portugal para o Brasil, Rio da Prata, Índias de Portugal e Castela**, de Manique de Figueiredo, dos **Roteiros** de Jonis van Spielberg, Oliver van Noord e L'Hermite, as coletâneas de Ramusio, Hackluyt, Purchas, La Popeltinière, Bergeron, etc.

Vamos ver o que João de Laet, em 1633, inculcava aos leitores do seu **Novus Orbis** sobre o corografia paulista:

Descrição do primeiro Governo chamado São Vicente

O Governo de São Vicente é o mais meridional de todos (do Brasil) e limite das Províncias do Rio da Prata. Situa-se à altura de 24 graus e para o mar e para o interior da terra firme tem limites incertos ainda não assaz discriminados.

Iarricus em seu **Tesouro** assim escreve acerca deste Governo:

"O Governo de São Vicente está situado sobre uma pequena baía pelos 24 graus de altura do Polo Sul sobre a costa do mar e afastado

(*) O título da obra de Laet é História ou Anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, desde o seu começo até ao fim do ano de 1636. A trad. mencionada por Taunay encontra-se publicada nos vols. 30, 33, 38 e 41/42 dos "Anais da Biblioteca Nacional", entre 1916 e 1925. A edição de Marcgrave do Museu Paulista data de 1942, em trad. de Mons. José Procópio de Magalhães.

de 40 léguas para o sul da cidade do **Rio de Janeiro**. Ali moram uns seis ou sete jesuítas que, zelosamente, cuidam da salvação das almas tanto dos Portugueses como dos Brasilianos.

Acham-se dispersos por diversas aldeias em torno da cidade e diariamente correm ao seu encontro novos selvagens a lhes dar trabalho. Porque vão eles freqüentemente a uma região do interior do país, principalmente à dos **Carlos**, que vivem na costa marítima, distantes da cidade de São Vicente cerca de oitenta léguas ao longo da dita costa, pois que eles chegam até o Rio da Prata.

É a nação mais policiada e a mais civilizada de quantas há no Brasil e que, contrariamente ao costume das demais, veste-se com peles de animais. Tem bela aparência e alguns deles, como alvura, não desmerecem da gente européia.

Quando os Portugueses os procuram para traficar sobem aos seus navios sem receio e os Portugueses também circulam em suas aldeias com segurança como se se achassem em suas próprias casas."

Ele (Iarricus) relata que no ano de 1596 houve setenta deles que por má fé foram levados escravos dos Portugueses, tendo voltado graças ao jesuítas e que estes selvagens são muito fieis, mas que, devido ao receio dos Potugueses, não ousam aproximar-se do Governo de São Vicente.

Daí procede que, por justo julgamento divino, esta colônia e todas as mais que se mostram cruéis para com os filhos da terra decrescem dia a dia e que as outras, que os tratam bem, florescem mais e mais, diariamente.

Aos selvagens deste Governo, amigos dos portugueses, chama Juan Stadio (Hans Staden) os **Tupinikins**, que ele afirma viverem nas montanhas, ocupando, no interior das terras, mais de oitenta léguas e quarenta ao longo do mar.

Os **carios** são os seus vizinhos ao Sul, e os **tupinambás**, grandes inimigos dos portugueses, ao Norte.

Os Padres de Companhia que habitam nessas regiões mencionam em suas cartas anuais uma nação selvagem que eles intitulam **Marumimus**, nação andeja, furiosa e cruel, que outrora causou grandes

danos aos portugueses. Mas agora, graças ao labor dos da Companhia, ela se acha um pouco abrandada e começa a ser mais amiga e favorável aos portugueses.

Apesar disto, muito deste Governo ficou despovoado pelas incursões destes selvagens. Em todo caso tal procede sobretudo dos atos dos portugueses, com os seus embustes e crueldades em relação ao indígenas, pois muito embora os religiosos se esforcem para impedir que os selvagens sejam cruelmente maltratados, de qualquer modo, pelos portugueses, ou arrastados alhures em cruel servidão, contudo os portugueses, tanto lá como em outros lugares, não acabam com as crueldades e embustes e abusivamente usam dos hábitos dos religiosos a fim de mais facilmente atraírem, nas malhas de suas redes, estes pobres miseráveis, com grande prejuízo, como é de esperar, da Religião Cristã.

A cidade principal deste Governo chama-se **Sanctos** e está afastada cerca de quarenta léguas do **Rio Iennero**, das bandas do Sul, a três ou quatro do mar, no fundo de uma obra, onde os grandes navios podem ancorar, carregar e descarregar comodamente.

Esta cidade não é muito grande e apenas conta umas oitenta casas ou um pouco mais. Já passou por diversas provações. Foi tomada e saqueada pelo valoroso Cavalheiro Tomaz Candish (Cavendish) no ano de 1591 e por ele dominada por espaço de mais de dois meses. Entre outros despojos, estava um pouco de ouro que os portugueses contavam ter sido trazido por selvagens, de um lugar vulgarmente chamado **Piratininga**, onde diziam que atualmente os portugueses têm uma mina.

Havia três aldeias com os respectivos engenhos de açúcar, que de longa data pertenciam a esta cidade.

Fui informado por certo belga, que ali residiu nos anos passados, de que esta cidade (Santos) está situada perto da ponta da Ilha de Santo Amaro, a mais ou menos três léguas do mar, e defendida por um baluarte do lado do rio, que neste lugar tem cerca de meia légua de largura e suas cinco braças de profundidade (II^m). Conta, ainda, duas fortalezas, uma do lado do Sul e outra no meio da cidade, umas cem casas, ou talvez mais, e duzentos habitantes, em parte portugueses e em parte mestiços, igreja paroquial, um mosteiro de beneditinos e um colégio da Companhia.

A entrada do porto chama-se Barra Grande. A outra cidade chama-se S. Vicente. Dista da precedente três ou quatro léguas, para o lado do Sul, ou, como outros dizem, uma apenas; vilasinha assaz bonita, mas cujo porto não oferece comodidades, sendo quase inacessível aos grandes navios.

A oito léguas desta, para dentro das terras, os portugueses habitam as duas aldeias de **Tanse** (?) e **Canane** (?), ricas em trigo e outrora lindeiras dos domínios portugueses por este lado. Soube pelo mesmo belga que esta aldeia contará umas sessenta ou setenta casas e cerca de cem habitantes, portugueses e mestiços, e que há por ali três ou quatro engenhos de açúcar que lhes pertencem.

A terceira cidade, como escrevem os portugueses, chama-se **Itanhain** (Itanhaen). Ora, este belga assinalava ainda **Cananea**, que estão (sic) ao Sul de S. Vicente: a saber **Itanhain**, a dez ou onze léguas da citada S. Vicente; e **Cananea**, a cerca de quarenta ou, segundo outros, trinta e cinco; ora esta **Cananea** são (sic) duas ou três aldeias ou arraiais que não têm fortificações e onde pequenos navios ou barcas podem facilmente ir.

Destarte a costa marítima acha-se assim disposta: da baía de S. Vicente até a Barra, que eles chamam Grande, há três léguas; por esta sobem os navios, até mesmo os muito grandes, até a cidade de **Sanctos**. Desta barra até uma outra, que eles chamam **Barra da Britioca** (Bertioga), há quatro ou cinco léguas mais para o Norte. Por esta Britioca só barcas podem subir até a cidade de Sanctos. Exatamente em sua embocadura e sobre uma ponta arenosa, acha-se uma pequena fortaleza de pedra.